

RESENHA / REVIEW
JUNTANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA: PROJETOS DE TEORIAS DA VERDADE

KIRKHAM, Richard L. *Teorias da verdade*. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2003, 482 p.

Caroline Barroncas de Oliveira*
Evandro Ghedin**

* Graduada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Aluna do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

E-mail:

carol_barroncas@yahoo.com.br

** Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor, pesquisador e líder do Grupo de Estudo Formação de Professores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Richard L. Kirkham¹ trabalha no Departamento de Filosofia da Georgia State University, University Plaza, Atlanta, GA, USA. Também é Professor Assistente de Filosofia na Universidade de Oklahoma. Dentre suas publicações podemos citar: *What Dummett says about Truth and Linguistic Competence* (1989); *On Paradoxes and a Surprise Exam* (1991); *In Progress, Tarski's Physicalism*. Esta obra resenhada foi publicada originalmente pelo MIT Press em 1992, e em 1995 outra edição foi publicada pela mesma editora. E agora, em 2003, traduzida por uma pequena editora universitária brasileira.

O livro é estruturado em dez capítulos, sendo eles: Projetos de teoria da verdade; Justificação e portadores de verdade; Teorias não-realistas; A teoria da correspondência; A teoria semântica de Alfred Tarski; Objeções à teoria de Tarski; O projeto da justificação; Davidson e Dummett; O paradoxo do mentiroso; O projeto dos atos-de-fala e a tese deflacionária. Estes capítulos, cada qual acompanhado de resumo, são com-postos por vários subcapítulos, alguns mais estendidos que outros, porém todos organizados da mesma forma.

O livro relata a existência de várias dimensões de confusão na história, tal como: imprecisão, significando a falta de clareza ao responder “o que é verdade?”; e a ambiguidade, onde algumas descrições podem ser entendidas de várias maneiras (ex: encontrar critério de verdade). A partir dessas várias dimensões de confusão, temos uma confusão quadridimensional. Davison (*apud* KIRKHAM, 2003, p. 15) achou a situação tão confusa que a considerou ‘fútil’.

Para se resolver esta confusão, Kirkham (2003), diz que em primeiro lugar é preciso formar um quadro das várias concepções do problema ou, uma lista das diferentes questões sobre a verdade, cada qual estabelecida com precisão e sem ambiguidade, que os vários teóricos têm tentado responder. Não se podem juntar todas as peças do quebra-cabeça a menos que se postularem três projetos diferentes:

O projeto dos atos-de-fala – tenta descrever os propósitos locucionários² ou ilocucionários³ de declarações, que pela sua aparência gramatical, parecem atribuir a propriedade da verdade a algumas afirmações. Este projeto possui duas subdivisões:

Projeto do ato ilocucionário – é seguido por aqueles que estão convencidos de que as declarações em questão não têm um propósito locucionário. Esse projeto tenta descrever o que fazemos quando declaramos algo.

Projeto assertivo – é seguido por aqueles que estão convencidos de que as declarações em questão têm sim um propósito locucionário. Esse projeto tenta descrever o que dizemos quando declaramos algo, ou seja, tenta fixar a intensão do predicado ‘é verdadeiro’. Dentro deste projeto existem duas subdivisões:

Projeto da atribuição – é seguido por aqueles que estão convencidos de que a aparência gramatical de tais declarações é um guia seguro a respeito do que estamos dizendo quando fazemos. Presumivelmente, incorpora a perspectiva comum a respeito do que dizemos quando fazemos tais declarações.

Projeto da estrutura profunda – é seguido por aqueles que estão convencidos de que a aparência gramatical de tais declarações é enganadora.

O projeto metafísico – tenta identificar em que consiste a verdade, existindo três ramos deste projeto.

Projeto extencional – tenta identificar as condições necessárias e suficientes para uma afirmação, ou seja, fixar a referência do predicado ‘é verdadeiro’.

Projeto naturalista – tenta encontrar condições que, em todo mundo naturalmente possível, sejam individualmente necessárias e conjuntamente suficientes para uma afirmação ser verdadeira em tal mundo, isto é, tentam produzir uma *teoria científica* da verdade.

Projeto essencialista – tenta encontrar condições que, em qualquer mundo possível, sejam individualmente necessárias e conjuntamente suficientes para uma afirmação ser verdadeira em tal mundo.

O projeto da justificação – tenta identificar algumas características, possuídas pela maior parte das afirmações verdadeiras e não possuídas pela maior parte das afirmações falsas, em relação às quais a provável verdade ou falsidade de uma afirmação pode ser julgada. Assim, uma teoria que realiza esse projeto é uma que nos conta que tipo de evidência e raciocínio nos dará direito a acreditar na verdade de uma dada proposição. Fica claro que, as teorias da justificação não são teorias da verdade, isto é, elas não são sobre a verdade, mas

sim, fornecem uma condição suficiente para justificarmos nossa crença numa proposição baseada em um critério prático de verdade.

Mas, para entender esses projetos faz-se necessário compreender os conceitos de extensão e intensão. Desde Gottlob Frege (1892), dizem que o significado de uma expressão tem pelo menos dois componentes: sentido e referência. O sentido de uma expressão é geralmente chamado de conotação de intensão da expressão, e a referência é geralmente chamada denotação ou extensão da expressão. A extensão de uma expressão é o objeto ou conjunto de objetos referidos apontados ou indicados pela expressão. A tentativa de produzir tal descrição não circular do conjunto de todas as coisas verdadeiras é o que se chama de projeto extensional. Quando dois termos têm extensões idênticas, dizemos que são extensionalmente equivalentes.

Assim, uma maneira alternativa de conceber o projeto extensional é pensá-lo como a busca por uma expressão extensionalmente equivalente ao predicado ‘é verdadeiro’. Duas expressões podem ser extensionalmente equivalentes e ainda não significar a mesma coisa. Isso acontece sempre que suas intensões, o outro componente do seu significado, não forem idênticas.

Dito de forma muito generalizada pelo autor, a intensão de uma expressão é o conteúdo informacional da expressão, enquanto distinto do conjunto de objetos denotado pela expressão (p.23). Portanto, embora “a estrela da manhã” e a “estrela da tarde” sejam extensionalmente equivalentes, não são intensionalmente equivalentes. A tarefa de descobrir o conteúdo informacional, a intensão é o que o autor vai chamar de projeto assertivo, sendo este uma subdivisão do projeto dos atos-de-fala.

O projeto extensional é a busca por uma expressão extensionalmente equivalente a “é verdadeiro” e o projeto assertivo é a busca por uma expressão intensionalmente equivalente a “é verdadeiro”. Kirkham (2003, p.24), afirma que a seguinte regra é universal: se dois termos são intensionalmente equivalentes, então eles são também extensionalmente equivalentes. O contrário, não é o caso. É nesse sentido que a equivalência intensional é uma relação mais forte que a mera equivalência extensional. A conexão lógica mais forte é chamada de *implicação essencial* e é a expressão colocando-se a palavra ‘necessariamente’ antes da asserção da implicação meramente material.

De forma similar, uma afirmação que é verdadeira em todos os mundos naturalmente possíveis é uma verdade naturalmente necessária; logo, as leis naturais são todas as verdades naturalmente necessárias. O autor denominou a tentativa de encontrar uma sentença que seja naturalmente equivalente a “ x é verdadeiro” de projeto naturalista.

Kirkham (2003) explicita que a lição geral, entre uma análise intensional ou extensional, é que alegações de equivalência material são mais difíceis de refutar que as correspondentes alegações de equivalência essencial ou equivalência intensional. O autor afirma ainda que a maioria dos filósofos, na maior parte do tempo, não deixa claro que tipos de análise estão seguindo.

O autor tenta esclarecer que as preocupações intelectuais motivam a epistemologia e por que o projeto metafísico e o projeto da justificação são importantes para o programa epistemológico. Pois, as tentativas de inverter a ordem de prioridade e definir a verdade em termos de uma noção de justificação anteriormente alcançada são: circulares; ininteligíveis; baseiam-se na alegação duvidosa de que possuímos um conceito primitivo e não-analisável de justificação ou de princípio correto de justificação, ou; são apenas maneiras metafóricas de rejeitar a verdade como um valor.

Kirkham (2003) explicita que as nossas questões sobre os portadores de verdade surgem dos nossos interesses que começa com certa escolha valorativa; nós valorizamos ter crenças justificadas, e essa escolha faz com que o ceticismo seja um problema, e resolver o problema do ceticismo nos leva ao projeto de justificação, e esse, por sua vez, exige uma solução para o projeto metafísico, e nesse ponto surge a questão a respeito de que tipo de coisa pode ser portadora de verdade ou, mais corretamente, nesse ponto postula-se que certos tipos de entidades podem ser verdadeiras ou falsas. O filósofo C.J.F. Williams alega que não há tal coisa como portador de verdade. Kirkham (2003) argumenta que identificar o portador de verdade “correto” é uma questão de decisão e, que as objeções feitas a que se tomem ocorrências de sentenças como portadores de verdade estão baseados em suposições facilmente refutadas.

Kirkham (2003) descreve as diferenças entre as respostas Realistas e Não-Realistas ao projeto metafísico. Uma teoria Realista da verdade é que o fato em questão seja independente da mente, isto é, que nem sua existência nem sua natureza dependam puramente da existência de alguma mente, mas poderá ser considerada Realista mesmo que permita que se considere o fato, cuja existência ela inclui entre as condições necessárias para a verdade, como derivativamente dependente da mente. Já as teorias Não-Realistas não exigem tal condição, e isso segundo o autor, acaba se revelando sua maior fraqueza potencial. Uma teoria Não-Realista pura não pode realmente distinguir o conjunto das proposições ou crenças verdadeiras de nenhum outro conjunto aleatório de proposições.

É explicitada a *Teoria Semântica de Alfred Tarski* (1902-1983), um dos grandes lógico-matemáticos do século XX que, por volta dos seus vinte e oito anos, inventou a primeira semântica formal para a lógica dos predicados quantificados, a lógica de todos os raciocínios matemáticos. E a sua grande realização é a teoria da verdade, denominada de teoria semântica da verdade, embora Tarski prefira usar a expressão ‘concepção semântica da verdade’, a fim de denominar o que ele acredita ser a concepção da verdade que é a essência da teoria da correspondência. Assim, conforme sua própria maneira de ver as coisas, ele é um teórico da correspondência.

Para que se possa compreender a teoria de Tarski, é necessário um entendimento dos programas mais amplos a serviço ao que ele se propõe. Sob a influência da doutrina do fisicalismo⁴, tem como objetivo principal reduzir todos os conceitos semânticos a conceitos físicos e lógico-matemáticos e, ao fazer isso, tornar a semântica uma ciência, isto é, estabelecer o estudo da semântica como

uma disciplina respeitável cientificamente. Esse objetivo obriga Tarski a rejeitar qualquer definição de verdade em que apareça um termo semântico não-reduzido. Sua estratégia era definir todos os conceitos semânticos, exceto satisfação, em termos de verdade. Isso, por sua vez, a verdade era então definida em termos de satisfação, e, finalmente, satisfação era definida somente em termos de conceitos físicos e lógico-matemáticos.

Finalmente, o autor encerra esta obra retornando ao projeto metafísico, especificamente ao projeto essencialista, de modo a poder fazer um exame crítico da teoria minimalista da verdade de Horwich. Horwich alega que sua teoria é tudo o que precisamos na forma de um conceito de verdade para explicar todas as coisas que qualquer teoria da verdade poderia explicar. Kirkham (2003) argumenta que um conceito mais substancial de verdade pode explicar as regras e axiomas da lógica clássica, enquanto a teoria minimalista, como Horwich reconhece, não pode. Também, reconhece que a teoria minimalista não pode explicar suas próprias partes conjuntas, e Horwich tem três argumentos que tentam mostrar que nenhuma outra teoria seria capaz de explicá-las.

O autor não faz conclusões ao final de sua obra ou de cada capítulo ou parte, como ocorre comumente. No entanto, no decorrer da obra, alguns argumentos são levantados a respeito das teorias de verdade que estão sendo analisadas e discutidas, pois afirma que, muitos teóricos da verdade têm sido negligentes em explicar que questão eles supõem estar respondendo e qual a relevância de sua resposta à questão para problemas intelectuais mais amplos.

A questão da verdade, um dos temas mais controversos e estimulantes da filosofia, cuja importância se estende aos problemas da teoria do conhecimento, da lógica, da linguística e das ciências, é esmiuçada por Kirkham. Incluem-se as discussões de tais teorias como a correspondência, coerência, pragmatismo, semântica, performatividade, redundância, de apreciação, de verdade. Também estão abrangidos o paradoxo mentiroso, a lógica, o campo da crítica de Tarski, a satisfação, bem como a forma como as teorias de justificação, bem compreendidas, diferem das teorias da verdade.

O livro apresenta estilo coeso, sua linguagem é objetiva e minuciosa. No aspecto organizacional observou-se uma sistematização, o que demonstra a preocupação do autor em ser o mais esclarecedor possível. Muito embora, para leitores leigos no assunto, isso se torne uma tarefa árdua. A obra é indicada pelo autor para estudantes dos últimos anos da graduação, estudantes de pós-graduação dos cursos de Epistemologia, Filosofia da Linguagem, Lógica e Semântica, como também, filósofos, linguistas e outros. Portanto, mesmo estando voltada para a grande área da Filosofia, não se considera que a obra seja indicada apenas para os filósofos e linguistas, mas sim para todos os interessados em uma nova perspectiva teórica que viabilize uma introdução das teorias de verdade.

Por esse ponto de vista, entende-se que a teoria de verdade não trata de pseudoproblemas, não produz pseudoteorias, não é uma atividade, não pode

ser reduzida a uma mera questão de linguagem. A filosofia influencia profundamente a ciência, pois sua natureza é resolver problemas, os quais se encontram fora de seu campo. O ser humano está incessantemente buscando a verdade, não se aceita as certezas e crenças estabelecidas, quer sempre ir além delas. Estamos continuamente procurando explicações, interpretações e significados para a realidade que nos cerca. Desta forma, percebemos a contribuição deste autor para o Ensino de Ciências, pois possibilita o desenvolvimento da criticidade do aluno para que possa avaliar um discurso científico, a flexibilidade, a prudência e a coerência para não colocar o conhecimento como algo estático e como verdade absoluta, uma vez que existem linhas de pensamentos divergentes.

NOTAS

¹ Não foi encontrado nenhum elemento de sua biografia.

² É o que dizemos (emissão de palavras em uma estrutura sintática), ou seja, nomeações, ordens, promessas, declarações, perguntas etc., ou os que querem produzir algum efeito no ouvinte, uma expressão com denotação e conotação (ABBAGNANO, 2000; MENDES, 2004).

³ O que se faz dizendo, execução (perguntamos, respondemos, informamos, mandamos, anunciamos, pronunciamos...), ou seja, afirmações com valores semânticos de verdade ou falsidade; enunciados performativos, cujo desempenho pode ser qualificado de felizes ou infelizes, falhas ou abusos e descrevem um estado de coisas, porém realiza uma ação no mundo, mais precisamente uma ação que não é normalmente descrita como um simples “dizer algo” (ABBAGNANO, 2000; MENDES, 2004).

⁴ O fisicalismo pode ser definido, de forma mais tosca, como a crença de que todos os conceitos intelectualmente respeitáveis podem ser definidos, no final das contas e exaustivamente, em termos dos conceitos da lógica, da matemática e da física. Assim, para assegurar que a semântica conforme-se aos ditames do fisicalismo, Tarski precisou reduzir todos os conceitos da semântica a conceitos físicos e lógico-matemáticos (KIRKHAM, 2003, p.204).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Data recebimento: 08/09/2009

Data aprovação: 10/11/2009

Data da versão final: 30/04/2010